

# Índios de Dourados querem modernizar produção agrícola

Na terra fértil do Centro-Oeste, mesmo sem grandes técnicas de plantio, os índios plantam cereais como milho e soja e já pensam em formar uma cooperativa para auxiliar na negociação da safra

LUIZ CARLOS LOPES

Donos de 3.560 hectares das terras mais valorizadas de Mato Grosso do Sul, os 9.060 índios cauiás, terenas e guaranis, da reserva indígena de Dourados, querem usar a soja, o trigo, o milho e o arroz, que começam a produzir em escala comercial, para transformar as condições sociais da aldeia e fugir da situação de miséria em que vivem.

Sem apoio da Funai ou de qualquer órgão público, os poucos índios que conseguem formar lavouras, mesmo sem o uso de técnicas modernas, estão obtendo resultados animadores, o suficiente para estimulá-los a formar associações e criar cooperativas que, conforme acreditam, serão fundamentais no desenvolvimento econômico do grupo.

**Ilha de pobreza** — Cercada por grandes fazendas particulares de produção de cereais, a reserva de Dourados, na região sul de Mato Grosso do Sul, ainda é uma verdadeira ilha de pobreza. Com exceção das poucas famílias que resolveram investir na própria terra, a maioria dos índios nem consegue avaliar o potencial econômico do solo fértil dos cerrados e passa os dias cuidando de lavouras de subsistência.

Cerca de mil índios estão fora da reserva, contratados para o trabalho temporário em

destilarias de álcool do Estado. Muitos, principalmente mulheres e crianças, pedem esmolas nas ruas de Dourados, distante 13 quilômetros da aldeia, para poderem sobreviver.

Quem melhor explora as terras indígenas são os arrendatários brancos, que chegam à reserva com modernas máquinas, desenvolvem boas técnicas de cultivo e conseguem altos índices de produtividade. O terena Edmilson Ortiz

Neres, chefe do Posto Indígena de Dourados, revela que no ano passado mais de 800 ha de terras foram arrendados para agricultores brancos, que conseguiram médias de 200 sacas de milho e

170 sacas de soja por alqueire. Sem qualquer adubação, a terra chega a produzir 150 sacas de milho e 130 de soja. Só um desses arrendatários, conhecido como "Gaúcho", cultivou 100 alqueires de terras indígenas, colhendo mais de 14 mil sacas de soja.

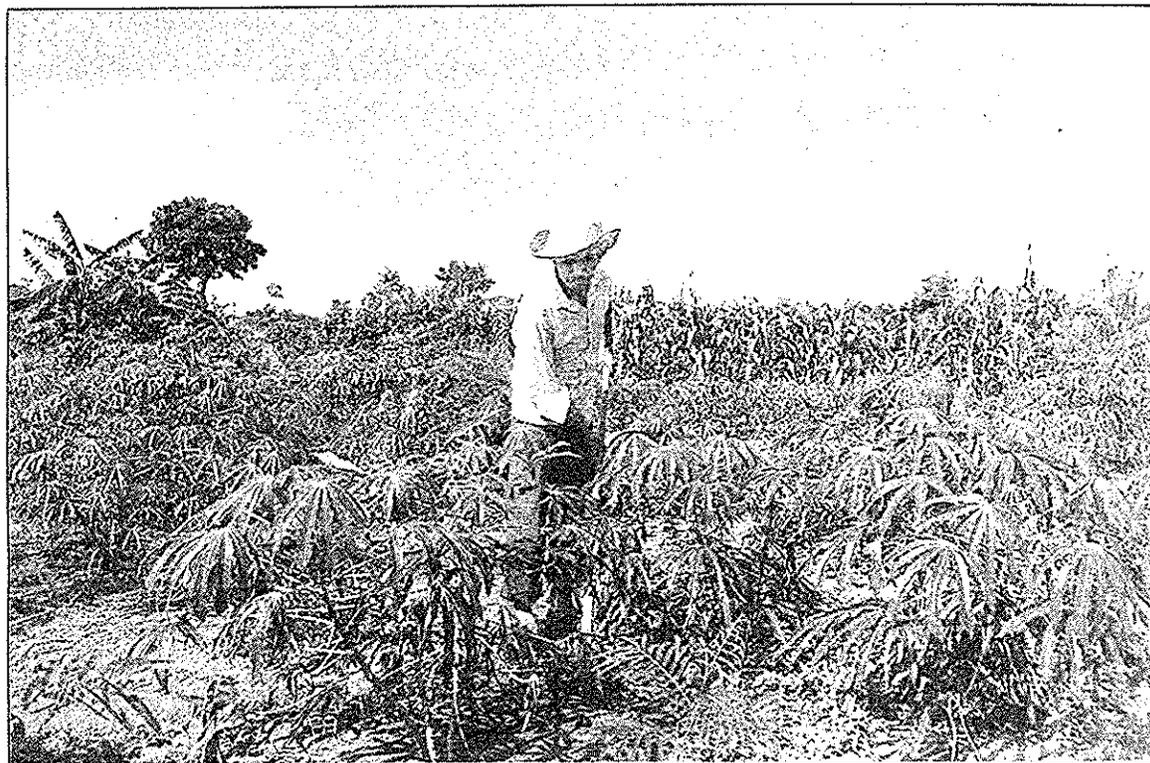
**Subsistência** — Dividida em duas aldeias (Jaguapiru e Bororo), a reserva considera como área cultivada um total de 2.850 hectares. Na verdade, isso engloba todos os lotes nos quais moram as famílias e onde são feitas, em sua maioria, pequenas roças de subsistência com mandioca, feijão, arroz, batata, cana-de-açúcar e banana.

Não existe um levantamento sobre as lavouras comerciais em que os índios produzem cereais como milho, soja, feijão e trigo, e algodão. Estima-se que, no máximo, 20% da reserva seja utilizada para finalidades comerciais, apesar da absoluta ausência de tecnologia.

De qualquer forma, no ano agrícola 1993/94, a aldeia, segundo estatística do chefe do posto, produziu 46 mil sacas de milho, 25,8 mil de soja, 7 mil arrobas de algodão, 600 sacas de trigo e 800 de arroz.

**MUITA  
TERRA  
AINDA É  
ARRENDADA**

## REPORTAGEM DE CAPA



O terena Valdevino: "Empresas cerealistas exploram na hora da venda de insumos"

Fotos de Luiz Carlos Lopes/AE



Mandiocal: alguns índios não sabem do potencial da terra e plantam lavouras de subsistência

## Semente é fator de exploração

Como diz o cacique da aldeia Jaguapiru, Getúlio de Oliveira, "o potencial que temos é muito grande, o suficiente para garantir nossa independência econômica". Mas acredita que, para explorá-lo, os índios precisam de apoio dos órgãos oficiais. A opinião é unânime na reserva de Dourados. Com as terras que possuem, os índios podem transformar aquela área em mais uma importante fazenda de produção de cereais, desde que consigam libertar-se da dependência que os mantém presos aos empresários brancos. O pior vínculo é o que possuem com cerealistas de Dourados, de quem dependem para o fornecimento de sementes. Chegam a pagar até cinco sacas de cereais colhidos, para cada saca de sementes que plantam.

Esta é a situação de Valdevino Pontes, um terena de 59 anos, que possui uma gleba de quatro alqueires na reserva. Com sete filhos, dos

quais quatro trabalhando na terra, ele diz que não consegue nem mesmo o suficiente para manter a família, apesar de uma jornada de trabalho de dez horas diárias. Sua dependência em relação aos fornecedores é total. Para 26 kg de sementes de milho que plantou, teve que pagar 300 kg. De soja, plantou 50 kg e teve que pagar 140 kg. No ano passado devia 200 sacas de milho, pagou 196 e ainda está devendo, de acordo com os cálculos de seu fornecedor, 162 sacas. A situação às vezes torna-se tão complicada que ele é obrigado a vender antecipadamente sua produção, ainda na lavoura, a preços muito abaixo dos de mercado.

A participação da Funai é considerada medíocre pelos próprios in-

dios. Não existe assistência técnica e os dois tratores que o órgão possui estão velhos e não conseguem atender às necessidades. O preparo do solo e o plantio dependem de terceiros. Para gradear pagam R\$ 50,00 o alqueire e para nivelar e plantar R\$ 150,00.

**CINCO  
SACAS VALEM  
UMA DE  
SEMENTES**

**Financiamento** — Os índios também não contam com financiamentos ou seguros. Até 1982 a própria Funai se encarregava de obter recursos junto ao Banco do Brasil, repassando-os aos índios. Depois estes

recursos foram cortados e nenhuma outra linha de crédito foi introduzida. Por serem tutelados e não possuírem escritura da terra, eles não conseguem financiamento em nenhum banco.

**NO MUNDO INTEIRO,  
MÁQUINAS AGRÍCOLAS  
TÊM ESTE NOME.**



**NEWHOLLAND**

O time vencedor.  
No mundo inteiro.

## REPORTAGEM DE CAPA

Fotos de Luiz Carlos Lopes/AE



*Líderes indígenas: Arêvalo e Flores lutam pela organização dos índios em entidades representativas, como a Associação Agrícola Indígena de Dourados, presidida por Flores, que incentiva a formação de plantios mais tecnicizados na reserva*

## Empresa dos EUA fez convênio com aldeias

A grande esperança dos principais líderes da Reserva de Dourados é a organização dos índios para a formação de associações e cooperativas agrícolas que possam desenvolver as atividades no campo. O cacique da aldeia Bororo, Luciano Arêvalo, diz que a maior parte dos índios tem aptidão para lavrar a terra, e acredita no êxito econômico do grupo, desde que se organize. Por enquanto existem duas associações agrícolas, uma em cada aldeia, fundadas com o objetivo de buscar a independência da comunidade. Há também o Centro de Organização Cultural e Tradicional da Reserva Indígena de Dourados. Esta entidade estabeleceu convênio com uma empresa norte-americana, para estimular o plantio de genipapo para extração de corantes. O investimento da

**RESERVA**  
TERÁ  
CITROS E  
ERVA-MATE

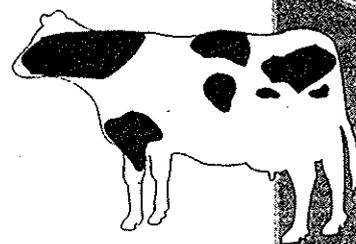
como prioridade o desenvolvimento da agricultura na reserva. Ele próprio cultiva seis alqueires de terra com soja, milho, arroz e mandioca. Como o solo é fértil, a produtividade é boa. O que os índios não podem mais, segundo Flores, é continuar cultivando a terra sem orientação técnica e usando ferramentas manuais. Este apoio, acredita, terá de ser tentado junto a entidades governamentais e privadas, já que a Funai não tem qualquer atuação no grupo. "No máximo a Funai serve para impedir que nossas terras sejam invadidas pelos brancos", diz Lucas Paiva. Mesmo na área de orientação técnica o órgão não tem qualquer influência, apesar de seu delegado em Amambai, Virgílio Clemente, ter sido contratado como técnico agrícola para atender as aldeias.

empresa é de US\$ 40 mil na construção de casas para as famílias carentes e no desenvolvimento de projetos agrícolas, até com a formação de avouros de citros e erva mate. Há planos também de estimular o reflorestamento, numa tentativa de amenizar os efeitos do desmatamento autorizado pela Funai e que, segundo os índios, teve toda sua receita com a venda da madeira desviada por um dos administradores.

O tereno Lucas Paiva Flores, presidente da Associação Agrícola Indígena de Dourados, que atua na aldeia Jaguapiru, é um dos principais líderes agrícolas da comunidade. A entidade, criada e registrada legalmente no ano passado, é composta por 35 produtores indígenas e tem

Lucas Paiva planeja construir um armazém comunitário e atuar na obtenção de sementes a preços justos. "Não podemos continuar pagando na proporção de 5 X 1 pois isto representa o fim de nossos lucros, mesmo antes do plantio." Outro aspecto que ele considera nocivo e que pretende combater por intermédio da entidade é o relacionamento com os arrendatários das áreas indígenas. Só na aldeia Jaguapiru ele estima que cerca de 50 índios arrendem regularmente suas terras, mas praticamente nada recebem: "Como não podem fazer o cultivo, entregam a terra quase de graça, em troca de um pouco de sementes ou da formação de pequenas roças de subsistência", conclui.

**Agropecuária América Ltda.**  
ABRE O COFRE  
**LEILÕES**



**Holandês**  
4 de abril  
**Liquidação de Plantel**  
40 Fêmeas PO e POI

Convidado Especial:  
Paulo Noll

**Pardo-Suíço**  
6 de abril  
40 fêmeas e 6 machos  
**Várias Campeãs**  
**Nacionais e filhas**

Pagamento em 6 vezes sem juros

Parque da Água Branca, SP  
**20:30 hs**

Informações pelo Fone: (011)263.6042

Fone: (011)864.5533

15  
ano  
**Embrat**  
Leilões Rurais